

A responsabilidade política do jornalismo em cobertura de conflitos

The political responsibility of journalism in covering conflicts

Entrevista com Xavier Giró Martí

Interview with Xavier Giró Martí

Tayane Aidar Abib

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
[São Paulo State University "Júlio de Mesquita Filho"]

REVISTA
com **política**

revista compolítica

2020, vol. 10(2)

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2020.10.2.455

 Open Access Journal

A responsabilidade política do jornalismo em cobertura de conflitos

Tayane Aidar ABIB

Professor do Departamento de Meios, Comunicação e Cultura da Universitat Autònoma de Barcelona (UAB), Xavier Giró Martí tem uma trajetória profissional marcada pelo pensamento crítico acerca da responsabilidade política do campo jornalístico. Especialista em Análise do Discurso, com tese de Doutorado premiada pelo Conselho Audiovisual da Catalunha, em 1999, sobre a construção do nacionalismo e da identidade espanhola na imprensa, Giró é diretor do grupo de investigação Observatori de la Cobertura de Conflictes, sediado na UAB, e vice-coordenador do Mestrado em Comunicação de Conflitos Armados, Paz e Movimentos Sociais da instituição desde 2010.

Referência nos Estudos de Comunicação para uma Cultura de Paz, Xavier Giró também se dedica a práticas de formação e consultoria a meios de comunicação e jornalistas sobre temas de cooperação e solidariedade internacional, fluxos migratórios e transformação de conflitos desde uma atuação midiática não profissionalista.

Nesta entrevista, realizada em sua sala na Faculdade de Comunicação da UAB, em dezembro de 2019, Giró reflete sobre os fundamentos de coberturas jornalísticas orientadas para a paz.

Jornalismo e Paz. Quais são os elementos imprescindíveis que precisamos considerar para pensar essa relação?

O mais importante, acredito, é partir da ideia de que o que fazemos como jornalistas influencia, em alguma medida, nos conflitos que reportamos. E não de uma forma abstrata, mas, precisamente, nas pessoas que estão nesses conflitos, em suas condutas,

naquilo que fazem e não fazem. Esse é o ponto chave para se pensar: escrever, reportar, trabalhar como jornalista pensando nos efeitos daquilo que você produz. Essa é uma ruptura fundamental com uma posição mais enraizada na cultura profissional jornalística que é pensar “eu informo, e o que as pessoas fazem com a informação é assunto delas”. Isso não funciona assim. As pessoas fazem com a informação aquilo que você permite que façam, desde o que você escreve, isto é, o que você produz tem possibilidades de influenciar, em diversos sentidos, a vida das outras pessoas, e você precisa se preocupar com isso. Aí está a mudança de perspectiva.

Agora, para quê você tem que se preocupar? Para que o seu discurso construa paz, transforme conflitos, e isso a partir de dois ideais. Primeiro: buscando ser o mais justo possível, e, para mim, o mais justo hoje é estar com a gente que está sendo discriminada e padecendo de explorações. E segundo: com o menor sofrimento possível. Porque sempre haverá sofrimento, quando há lutas, há sofrimento, mas você deve trabalhar para que seja o menor possível.

Para mim, essas são as diretrizes principais: tomar consciência de que o que fazemos tem uma repercussão na vida das pessoas que estão implicadas em conflitos; preocupar-se para que essa repercussão favoreça a paz, isto é, aparte-se da violência e se aproxime das soluções justas; e, neste caminho, trabalhar para que o sofrimento das pessoas seja cada vez menor.

Como deve atuar um jornalista em zonas de conflito?

O primeiro que deve fazer é: saber o máximo desse conflito, antes de ir. E, logo, quando viaja, conhecê-lo melhor. Pensar: “em que medida as pessoas do meu país de origem podem atuar para incidir positivamente nesse conflito?”. E, entre essas pessoas, entendo o governo, as organizações políticas e sociais, que podem reagir a isso. Então, eu não posso me perder em coisas que não contribuam com uma melhor compreensão visando à ação. Não adianta saber por saber, é preciso saber para atuar. De fato, atuamos em função do que sabemos, por isso a importância de um saber para atuar.

Então, o jornalista deve se preocupar em saber como está o conflito para ver em que medida as empresas de seu país atuam ali, ou quais grupos estão sendo apoiados por seu governo, o que o campo político deveria fazer, ou poderia fazer em sentido a movimentos de solidariedade.

Então, para a perspectiva de um Jornalismo orientado para a Paz, não basta descrever o conflito, ou informá-lo no sentido clássico?

Não, não basta. É preciso estudar e definir estrategicamente o que se produz em termos de conteúdo. Inscrever a cobertura jornalística em um marco mais global de transformação do mundo. É possível que haja equívocos em nosso trabalho, isso é inevitável. Mas devemos continuar investigando, retificando, direcionando melhor nossos esforços. Não conceber o jornalismo como uma atividade isolada, e sim como mais uma atividade, de um conjunto de ações possíveis, que deve ser encaminhada a construir um mundo mais justo.

E como esse discurso mirando a atuação de governantes e organizações político-sociais pode se aproximar do público em geral?

É preciso ver em cada conflito quais são as vias de socialização, de humanização. Porque é necessário explicá-lo racionalmente, mas também se deve fazê-lo emocionalmente. Com mais humanidade, com mais empatia, com mais sentimento de solidariedade com os marginalizados. Ou seja, sentirmo-nos mais como um só gênero humano. E isso significa transmitir também emoções. Acredito que não estamos fazendo isso o suficiente. Fazemos, mas não muito bem, e não no volume que poderíamos. Porque às vezes fazemos desde nossas emoções, porque somos etnocêntricos – e é natural reagirmos assim, sobretudo devido ao medo, à vulnerabilidade frente às mudanças, frente ao desconhecido -, mas se assumíssemos o grupo humano como um todo, então não teríamos o que temer,

não nos sentiríamos ameaçados. Então é algo que precisamos desconstruir continuamente, e neste sentido, não basta com dados, é preciso jornalismo com humanidade.

Como acreditar que o jornalismo pode gerar mudança social, se as denúncias que fazemos nem sempre repercutem política ou socialmente?

Mas, pensamos assim porque não temos uma visão de conjunto. Não temos uma noção de conjunto do sistema capitalista, patriarcal, hierárquico. Se tivéssemos uma visão de conjunto, conseguiríamos enxergar além dos efeitos imediatistas que buscamos.

Se você escreve uma reportagem sobre, por exemplo, os corruptos de uma favela. Mas, nessa favela, esses corruptos são os únicos que trazem comida, que trazem uma certa ordem, o que acontecerá na favela? Nada, logicamente. E se você analisar bem a favela, entenderá o porquê de não ocorrer nada, e não se queixará da falta de mobilização. Mas, se você não a analisa, então pensará: “eu denuncio a corrupção e ninguém faz nada”. O que você quer que seja feito? Você deu alguma alternativa para o problema? Não. Então, em vez de queixar-se que as pessoas não se mobilizam, é preciso explicar porque não se mobilizam. Em que situação vivem, quanto tempo têm para reagir, para pensar, para atuar de modo autônomo, qual é seu grau de liberdade em se mobilizar.

Ou seja, há um conjunto de fatores. E nós, jornalistas, o que fazemos é empurrar em uma direção, e, às vezes, essa direção não está em sintonia com a das outras pessoas. Se há uma Alemanha nazista, e você vai denunciar o abuso contra os comunistas, de que vai servir? De nada. Então, claro, você pode denunciar que há gente no mundo – darei aqui um exemplo inventado – que está sofrendo com a contaminação por plásticos. E publicar essa matéria em um bairro pobre, onde as garrafas de plástico são muito mais baratas que as garrafas de vidro. Você espera que as pessoas que vivem ali deixem de comprar comida para os filhos para comprar garrafas de vidro, para que populações que vivem a mil quilômetros dali não se contaminem?

Então muitas coisas também permanecem distantes ou estagnadas porque as condições materiais não favorecem um outro sentido. É preciso ser mais materialista, compreender as condições nas quais vivem as pessoas implicadas nos conflitos que estamos denunciando.

Uma coisa que sempre enfatizo é: não basta falar dos males do mundo, há que dizer como vamos transformá-los. E isso nós não estamos fazendo o bastante. Em alguns meios sim, naqueles menores, marginais, ou mais revolucionários, digamos. Nos demais, não. Há a realidade que salta à vista, e não se pode negar a abordagem a tais assuntos, mas falar em mudança social é muito mais difícil. E, além disso, esses grandes meios não estão interessados em mudança. São conservadores. Então, se você assumir uma linha informativa transformadora, não será aceito. Reportar a realidade somente com as suas desgraças é algo que não incomoda tanto. Falar de transformação sim. Falar mal do patronal, do capitalismo, quando os meios de comunicação pertencem a esse sistema, é buscar problemas.

Então essa é uma linha de crítica. Há também outra linha de pensamento que é “nenhuma repercussão acontece”, mas, que oportunidade tem sido dada para que aconteça? As denúncias estão sendo feitas, e há algumas pessoas que querem se mobilizar, mas outras não, porque simplesmente não podem reagir. Não podem. Suas condições materiais não lhe ajudam a fazer algo. E ainda que as condições ideológicas sejam importantes para uma reação, as materiais são ainda mais. Mas nem todos entendem isso, ou seja, nem todos raciocinam politicamente.

Neste sentido, o jornalismo é visto como um ativismo?

Aqueles que assumem uma prática guiada pela cultura profissionalista tendem a encarar o jornalismo para a Paz ou para a transformação social como jornalismo ativista. Mas, por que dizem ativista? Bom, nós temos diferentes modos de fazer jornalismo comprometido. E aqui me refiro a um compromisso com a mudança, e não apenas com a denúncia. Há o jornalismo que é a favor de uma causa, mas sensacionalista. Há outro que

se desenvolve assumindo bandeiras, mas com um vocabulário que não é aceitável para a maioria da sociedade, isto é, apenas é aceitável para aqueles que já tomaram partido da transformação necessária. Mas, para as outras parcelas, acaba sendo percebido como linguagem partidária, como panfleto. Aí costuma residir a compreensão em torno do que chamam de “jornalismo ativista”.

Mas a nossa defesa é a de uma prática jornalística que assuma as suas causas, mas com uma linguagem e formas que não possam ser qualificadas de panfleto. É um equilíbrio difícil, porque sempre se deve partir do conhecimento do seu leitor e de seu registro ideológico para mostrar-lhe o que não sabe, ou ao menos desconheça, sem que ele te rechace porque enxerga você como algum porta-voz ou figura com a qual não compartilha uma ideologia. É preciso, por isso, romper com o paradigma de jornalismo neutro, ou não comprometido, que apenas espelha a realidade. Ora, por favor, esse autoengano é um mecanismo de defesa da mídia para não colocar em risco o lugar que trabalham ou os seus companheiros. Porque o jornalismo, está claro, tem influência sobre a vida das pessoas e sobre as suas atitudes. Influência que não é absoluta, mas que existe e precisa ser considerada responsabilmente.

E para alcançar essas outras parcelas, temos que reportar desde os grandes meios de comunicação?

Isso eu acredito que esteja mudando. O problema que você coloca é o da articulação do que venho denominando de grietas, espécie de rachadura no sistema midiático. Temos meios alternativos, alguns não são totalmente alternativos, mas dizem coisas que os demais não dizem, então nesse sentido são uma grieta dentro do conjunto comunicativo, por transmitirem visões de mundo mais críticas, a favor da transformação, quase sempre com gente de baixo, com os grupos oprimidos. Esses meios estão na periferia, à margem da sociedade, se essa fosse uma caixa. Dentro dela temos os grandes meios, nos quais também há grietas. Algumas pequenas, outras maiores, que podem ser mais ou menos profundas. Ou seja, a denúncia de injustiças é uma grieta. E uma grieta só funciona

quando você faz um movimento de aproximação para além da denúncia, isto é, para dizer que é preciso fazer mais, e identificar como agir para transformar o que não está bem.

Esses meios alternativos têm certa influência, mas pequena. Só que quando expõem certas realidades, não podem simplesmente serem silenciados pela mídia tradicional, que para manter sua credibilidade se vê obrigada a também relatar o que já está repercutindo em outras esferas. Então isso se expande e passa a alcançar outras parcelas do público, ou seja, assim se chega a mais gente.

Outra coisa é que, entre os mecanismos que abrem grietas dentro dos grandes veículos, não apenas há a mídia alternativa. Com as redes sociais, encontramos resistência não apenas desde os meios, enquanto espaços de fala jornalística, mas no próprio fluxo das trocas entre os usuários, que também pode romper a estrutura noticiosa dos meios tradicionais. Quando alguns relâmpagos, digamos, incidem com força nas redes, também podem rachar algum grande meio, e abrir uma grieta. Claro, é preciso que haja aí, dentro desses veículos, pessoas capazes de acolher esses raios, não?

Existem, portanto, grietas também no universo digital, assim como grietas más, isto é, que infundem discurso de ódio, ou a negação de fatos, como a violência de gênero, e assim atuam em diferentes direções.

Um indivíduo, por si só, pode ser uma grieta? Mesmo quando inserido na dinâmica conservadora dos grandes meios?

Sim, claro. Se uma pessoa tem uma ideologia que questiona o estado das coisas, mesmo que trabalhe em um grande meio, é de se esperar - e de fato isso ocorre - que ela pense: “eu sou um ser político e, trabalhe onde trabalhe, vou assumir uma postura política para transformar o mundo. Modestamente, naquilo que eu posso. E não apenas eu, mas que sejamos mais. Isto é, vou colocar meu trabalho também dentro de uma estratégia. Porque não devo estar preocupado em triunfar e, sim, em agir para que o mundo mude. Neste sentido, quanto mais sejamos, melhor. Não há sentido em triunfar sozinho com o meu trabalho. O valor está em conseguir que mais pessoas atuem para a transformação da

sociedade. É muito melhor que busquemos construir volume e peso, na ideia de que a massa crítica pode provocar reações”.

O mais importante não é o êxito de um dia, mas o trabalho daqueles que se dedicam todos os dias, pacientemente, e em conjunto, para ir mudando as coisas. Ou seja, os indivíduos, os jornalistas, podem ser grietas porque abrem janelas que nos ajudam a ver a realidade de outra maneira, e isso independentemente do ambiente em que trabalham. Há alguns que são metade grieta porque, em alguns temas, são críticos, mas em outros, não. No entanto, o fundamental para nossa teoria sobre as grietas é que os profissionais compreendam seu papel e tenham a paciência para pensar “estou em um meio com o qual não compartilho a ideologia, mas é um meio com o qual tenho uma margem de manobra para denunciar, apontar, abrir grietas”. Quem sabe em um mês esse sujeito apenas tenha aberto duas. Mas, bom, é melhor que esteja fazendo isso, do que não haja ninguém.

Onde entra o conceito de elasticidade nessa discussão?

Minha ideia de elasticidade funciona assim: quando temos uma crise determinada, por exemplo, a crise econômica que tivemos em 2008, a mídia *mainstream*, como o sistema capitalista estava desacreditado, permitia, abria seus braços, a discursos completamente de grieta anticapitalista, isto é, abordava as limitações do capitalismo, abria-se a esses discursos. Por que? Porque todos estavam implicados nesta realidade, não havia como negá-la. Mas quando essa crise remete, essa mídia também se fecha e, agora, já não publica mais conteúdos contrários à sua linha conservadora. Ou seja, essas grietas se abrem e se encolhem, conforme a própria realidade social e, neste sentido, são elásticas.

Para terminar a entrevista, desde a universidade e os centros de pesquisa, como trabalhar para que os estudos para a Paz sejam uma contribuição concreta à sociedade?

O primeiro que se deve fazer é carregar-se de paciência. E assumir uma visão de conjunto. Devemos refletir desde o nosso momento histórico e considerar os avanços, os movimentos que ocorrem, ainda que de forma lenta, mas que existem, são reais. E se há uma visão global dos ritmos em que se move o mundo, e da época em que estamos inscritos, então será possível delimitar objetivos realistas no sentido à paz, à justiça, à felicidade. Essa é a principal chave, na minha opinião: ter uma visão de conjunto para não se desesperar, e nem se acomodar.

Assim, qualquer avanço será reconhecido e considerado importante. O fato de que sejamos mais trabalhando nesta linha de investigação e de atuação já é um avanço. Do objetivo final, vamos nos aproximando aos poucos, e uma parte dele é justamente acumular forças, motivar mais pessoas a compartilhar de nossas ideias, em suas pequenas escalas, para transformar o contexto em que vivemos, até que nos façamos maiores.

Referências

GIRÓ, Xavier. Modos híbridos y complejos de informar sobre cooperación. Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social "Disertaciones", 10(1), p. 84-107, 2017. Doi: <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/disertaciones/a.4914>

GIRÓ, Xavier. Periodismo político. Discursos y grietas: La lógica de los actores, los límites de los medios y las metas periodísticas. In: CAMACHO, Idoia (Org). La especialización en Periodismo. Formarse para informar. Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, p.75-95, 2010.

GIRÓ, Xavier. Enfoques analíticos críticos sobre el discurso de la cobertura informativa de conflictos. In: TELLESCHI, Tiziano (Org). Espacio y tiempo en la Globalización. Una visión de la transparencia en la información. Pisa, Italia: Sinaloa, 2007.

Notas

Pesquisa financiada pela Fapesp (processo 2018/23954-3)

A Autora

Doutoranda em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Mestre e jornalista pela mesma instituição. E-mail: tayane.abib@unesp.br

Data de submissão: 06/05/2020

Data de aprovação: 08/07/2020

